

## Proposta de brasão de armas para o Departamento de Ciências Aeronáuticas da Universidade Lusófona

As tradições heráldicas recomendam que o desenho de novas armas respeite, além da *lei dos esmaltes* (não sobrepor côr sobre côr nem metal sobre metal), os seguintes critérios estilísticos:

—As figuras incluídas no escudo devem ser ou abstractas ou, tratando-se de objectos e criaturas (reais ou fantásticas), estilizadas, evitando-se sobretudo cenas, paisagens e representações em perspectiva;

—Havendo figuras ou peças móveis repetidas no escudo, elas deverão ser idênticas em estilo e dimensão;

—Para evitar-se anacronismos, os objectos representados devem ter sido usados ou já conhecidos no período da heráldica de torneios, dos séculos XII a XVI;

—As sub-divisões dos escudos (por exemplo, esquartelados ou partidos) devem ser reservadas para a combinação brasões de duas ou mais entidades;

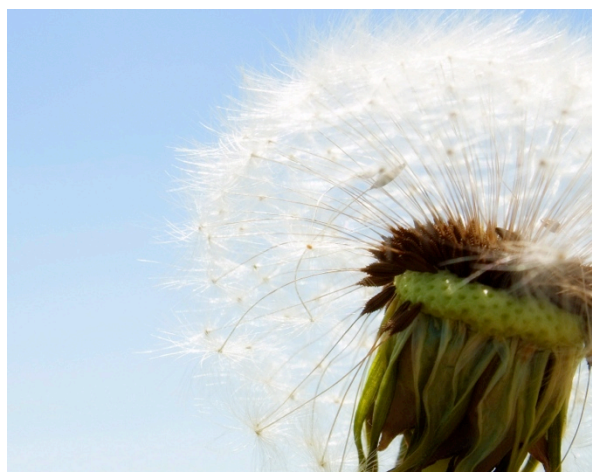
—O brasão deve ser simples, imediatamente reconhecível, e inconfundível.

Sempre respeitando estes critérios, pretende-se que o brasão do DCA represente simultaneamente *o voo* (a aeronáutica) e a *disseminação do conhecimento* (o ensino universitário).

Representar o voo por meio de aves de rapina (águias, falcões), quimeras (dragões, serpentes voadoras) ou semi-deuses (anjos, Apolo, Mercúrio) seria correcto, porém pouco original. O mesmo se pode dizer do uso de asas isoladas ou em pares.

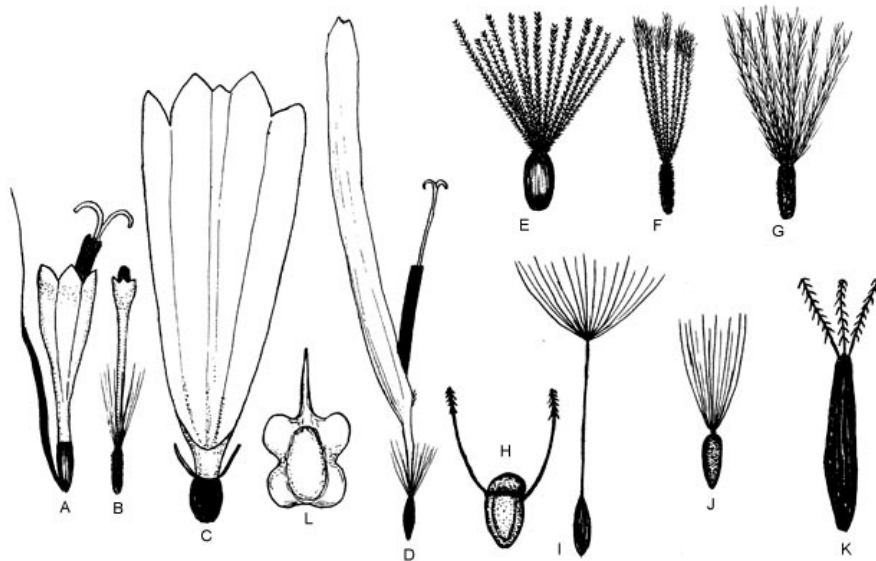
O uso de imagens de aviões seria profundamente incorrecto: afinal de contas, representar objectos do século XX sobre um escudo de cavalaria do século XIII resulta num anacronismo inverosímil.

Pensei, por isso, em alternativas. O verbo *disseminar* partilha a etimologia do substantivo semente. A minha formação botânica fez-me recordar que inúmeras espécies vegetais produzem sementes encerradas em frutos que voam. As mais bem-sucedidas pertencem à família das compostas, onde se incluem por exemplo as margaridas, os girassóis e os dentes-de-leão; o seu fruto chama-se *cipsela* e uma vez libertado pode chegar a voar milhares de quilómetros, atravessando mares e oceanos. Todas as crianças os conhecem:

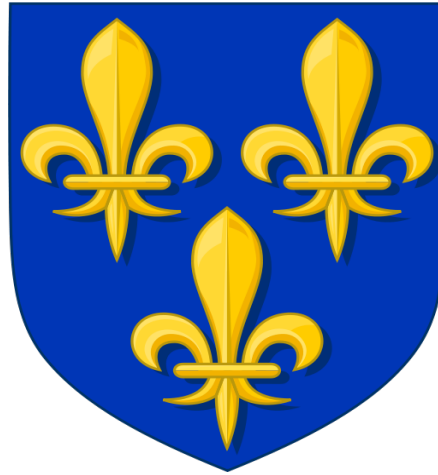




Assim como a família das compostas inclui centenas de espécies de plantas, também a forma das suas cipselas pode variar de espécie para espécie. No diagrama seguinte vemos representadas pelos desenhos A a D as pequenas flores das espécies compostas, que se agrupam entre si para formar uma inflorescência chamada *capítulo*. Os desenhos E a K representam diversas formas de *cipselas*, frutos resultantes daquelas flores.



As *cipselas* prestam-se facilmente à estilização heráldica, como aliás os motivos vegetais em geral. Recordemo-nos, por exemplo, do lírio amarelo dos pântanos (*Iris pseudacorus*), abundante na Flandres, usado em forma estilizada no brasão dos reis de França para representar os seus domínios:



E recordemo-nos também das armas do famoso Colégio de Eton, onde três açucenas — flores que resistem por muitos dias à murchidão — representam a perpetuidade do conhecimento que floresce naquela escola:

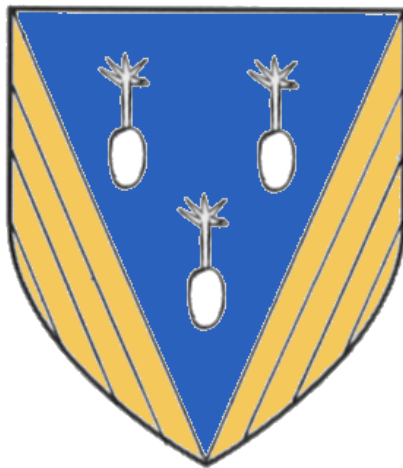


Estes precedentes levaram-me a escolher a figura estilizada de cipselas para representar heraldicamente a disseminação do conhecimento sobre o voo e pelo voo, sob o mote *que voem os frutos da sabedoria*, em Latim *sit volant fructum sapientiae*. Para isso usaria três destes frutos, representando assim as Ciências, as Humanidades, e a Aeronáutica.

Faltaria representar a proveniência desses frutos do conhecimento. Pareceu apropriado usar duas peças heráldicas abstractas chamadas *calços*, carregados de traços chamados *coticas*, para aludir simultaneamente às páginas de um livro e às pétalas de uma flor.

Resultou portanto o brasão seguinte: *em campo de azul, três cipselas de prata; calçado de ouro, carregado de três coticas de negro em banda no ângulo dextro do contrachefe e três coticas de negro em contrabanda no ângulo sinistro do mesmo. Mote: sit volant fructum sapientiae.*

Estas armas podem ser desenhadas em escudos de inúmeras formas, com maior ou menor talento artístico, sem deixarem de ser heraldicamente as mesmas. A minha primeira interpretação gráfica — nada mais que um esboço — é esta:



É evidente que o desenho poderia ser muitíssimo melhorado. As cipselas, sobretudo, podem ser estilizadas de muitas formas diferentes.

Não me recordo de haver visto, entre os milhares de brasões que já apreciei, nenhum com o qual este pudesse ser confundido. Não obstante, o seu aspecto enquadra-se perfeitamente nas mais clássicas tradições heráldicas.

Já houve, contudo, uma instituição que fez uso (não heráldico, é certo) das cipselas na sua imagem de marca: a Editora Larousse, cujos antigos emblemas tinham um cariz muito naturalista. Modernamente, essa editora utiliza um logótipo que deliberadamente faz confundir as cipselas com estrelas. Em qualquer dos casos o brasão aqui proposto é suficientemente original para vincar uma identidade própria.

